

ENCARCERADOS “ABREM SUAS ALMAS”: REFLEXÕES A PARTIR DOS ESCRITORES DA REVISTA A ESTRÊLA

■ DAIANE DE OLIVEIRA TAVARES

<https://orcid.org/0000-0001-5776-0439>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO

Utilizando como objeto/fonte de pesquisa a revista *A Estrêla: Órgão da Penitenciária Central do Distrito Federal*, o objetivo deste trabalho é pensar nos assuntos abordados pelos seus escritores privados de liberdade e o que nos revelam. Que discursos esses sujeitos evocam e como a escrita se configura como uma forma de expressar sentimentos? Como o cotidiano na prisão é abordado e suscitam práticas e discussões acerca do sistema penitenciário brasileiro na década de 1950? O que revela *A Estrêla* sobre o nível de escolaridade dos internos? Diante do exposto, busco interpretar como os apenados escritores “abrem suas almas”, evidenciam suas subjetividades e como revelam que as contradições existentes no sistema prisional não eram pauta do periódico aqui estudado. Fundamento esta análise em autores como Ana Mignot (2002) e Veronica Sierra Blas (2016) que abrem perspectivas para se pensar nos sentidos das escritas de si no cárcere e Augusto Thompson (2002), que possibilita uma análise acerca da complexidade do sistema penitenciário. Nesse sentido, a relevância do presente artigo se configura por trazer à tona sujeitos quase invisibilizados pelas pesquisas acadêmicas e por revelar algumas dificuldades e poucos avanços do sistema prisional brasileiro ao longo da nossa história recente.

Palavras-chave: Escritores. Privados de liberdade. *A Estrêla*.

ABSTRACT

INCARCERATES “OPEN THEIR SOULS”: REFLECTIONS FROM THE WRITERS OF “REVISTA A ESTRÊLA”

By using the magazine *A Estrêla: Body of the Central Penitentiary of the Federal District* as the research object/source, the objective of this research work is to think about the subjects used and what writers deprived of liberty reveal to us. Which speeches do these individuals evoke and how its writing configure as a way of expressing feelings? How is the daily life in prison addressed and raise about prac-

tices and discussions regarding the Brazilian penitentiary system in the 1950? What does *A Estrêla* magazine reveals about the inmates' education level? In view of the above, I seek to interpret how the convicted writers "open their souls", evidence their subjectivities and how they reveal that the contradictions existing in the prison system were not on the the journal studied here agenda. I support this analysis on authors such as Ana Mignot (2002) and Veronica Sierra Blas (2016) who open perspectives to think about the meanings of the writings of oneself in prison and Augusto Thompson (2002), which allows an analysis regarding the complexity of the prison system. In this sense, the relevance of this present article is configured bringing up subjects almost invisible by academic research and revealing some difficulties and short advances in the Brazilian prison system throughout our recent history.

Keywords: Writers. Deprived of liberty. *A Estrêla*

RESUMEN

ENCARCELADOS "ABREN SUS ALMAS": REFLEXIONES A PARTIR DE LOS ESCRITORES DE LA REVISTA A ESTRÊLA

Se utilizando de la revista *A Estrêla: Órgão da Penitenciária Central do Distrito Federal* como objeto y fuente de esta investigación, este trabajo busca reflexionar los temas presentados por sus escritores privados de libertad y lo que se asoma desde sus líneas. ¿Qué discursos se declaran a través de estos sujetos y de qué manera la escritura se ha convertido en una expresión de sentimientos? ¿Cómo se aborda el cotidiano en la cárcel y se promueve prácticas y discusiones acerca del sistema penitenciario de Brasil en los años 50? ¿Lo qué se descubre en *A Estrêla* sobre el nivel de escolarización de los internos? A partir de ello, este trabajo busca recorrer de qué manera los cautivos escritores "abren sus almas", señalan sus subjetividades y cómo subrayan que las contradicciones presentes en el sistema carcelario no hacían parte de las pautas del periódico que se estudia aquí. Como apoyo a esta análisis, se toman las perspectivas de autores como Ana Mignot (2002) y Veronica Sierra Blas (2016) para pensar los sentidos de la escritura de uno mismo entre rejas, además de Augusto Thompson (2002) que permite analizar la complejidad del sistema penitenciario. De este modo, el presente artículo resulta ser de interés porque reconoce sujetos casi invisibles en las investigaciones académicas, espone las dificultades y bajo desarrollo del sistema penal brasileño a lo largo de la história reciente.

Palabras clave: Escritores. Privados de libertad. *A Estrêla*.

Introdução

Ao folhear a revista *A Estrêla: Órgão da Penitenciária Central do Distrito Federal* pela primeira vez, surpreendeu-me a diversidade de textos que trazem à tona as práticas e discussões acerca do sistema penitenciário brasileiro nas décadas de 1940 e 1950. No acervo de periódicos da Biblioteca Nacional encontrei a coleção do impresso, uma iniciativa de Victório Canepa¹, Capitão do Exército que atuou em estabelecimentos prisionais no Distrito Federal e no estado do Rio de Janeiro. Lançada em 1944, em formato de jornal², voltou a circular no ano de 1951, como revista, tornando-se mais elaborada, mais densa e mais extensa. Os discursos ganham força e a presença de Victório Canepa é ainda mais forte, o que me fez julgar necessário debruçar-me apenas nos impressos da década de 1950, utilizando as 22 revistas como objeto/fonte de pesquisa.

Sendo assim, para pensar as vozes que emergem em *A Estrêla*, este artigo suscita as seguintes questões: quem são os escritores privados de liberdade do referido periódico? O que escrevem? Que discursos esses sujeitos evocam? Quais os temas por eles debatidos? Como o cotidiano na prisão é trazido por esses escritores? O que era permitido escrever? É possível pensar em censura por parte do editor? Antonio Nóvoa (*apud* CATANI, BASTOS, 2002), aponta para o fato de a imprensa periódica ser lugar de permanente regulação coletiva: a elaboração de um impresso traz sempre debates e discussões, polêmicas e conflitos; mesmo quando é fruto de uma vontade individual, o que leva a pensar na importância de

interpretar os textos permitidos no jornal e quais as discussões abordadas por seus diversos colaboradores.

A Estrêla era comercializada a fim de arrecadar recursos para assistir às famílias dos internos, editada e impressa pelo jornal *O Globo*, enviada para assinantes pelos correios, ou vendida separadamente. Os gêneros textuais que preenchem as páginas da revista, como também seus escritores, são diversos: artigos científicos, notícias sobre o sistema, passatempos, notícias esportivas, discursos de autoridades, entre outros, escritos por juristas, penitenciaristas, presidiários, visitantes, jornalistas, e tantos outros sujeitos. No entanto, uma personalidade reina absoluta no impresso: a de seu idealizador. Canepa faz do periódico a vitrine de ideias, feitos, dos eventos e reuniões dentre os quais participou e nesse espaço ele vai construindo a sua memória e as características de sua gestão e atuação na formulação de políticas e discussões na área. Tendo a compreensão de que o editor e responsável pela revista em questão possuía objetivos bem direcionados ao encaminhar suas publicações, como analisar a realidade revelada pelos apenados no referido impresso?

Segundo Magaldi e Xavier (2008), a utilização de impressos nas investigações acadêmicas ganha relevo, entre outras razões, pela ampla variedade de publicações que revelam um universo social multifacetado, pela potencialidade de captação dos debates e ações no momento em que se processavam e pela possibilidade de promover o acesso do pesquisador a diferentes vozes e diferentes diagnósticos. Nessa perspectiva, busco refletir sobre como os encarcerados em seus escritos e, também em seus silêncios, revelam nuances da vida na Penitenciária Central do Distrito Federal.

1 Dirigi a Colônia Penal de Ilha Grande, a Penitenciária Central do Distrito Federal, sendo que um dos seus idealizadores, fez parte do Conselho Penitenciário do Distrito Federal, foi membro da Associação Cultural dos Presídios de São Paulo, da Associação de Prisões de Nova York e criou, em 1952, a Associação Brasileira de Prisões.

2 Na Biblioteca Nacional, constam apenas as edições a partir de 1945.

Escritores da *Estrêla*: motivações, sujeitos e temáticas

Ao refletir acerca das tramas e complexidades que envolvem as práticas que se estabelecem no sistema prisional, algumas questões surgem ao pensar na produção de um impresso elaborado numa penitenciária: quem são os escritores? Há uma tipificação do jornalismo praticado em unidades prisionais? Quais são os interesses dessas produções? Para tentar responder a essas perguntas, levarei em conta a seguinte proposição:

[...] a cadeia não é uma miniatura da sociedade livre, mas um sistema peculiar, cuja característica principal, o poder, autoriza qualificá-lo como sistema de poder. Por outro lado, suas hierarquias formais, se bem que devam ser levadas em conta, não podem ser tidas como as únicas ou mais relevantes, pois os aspectos informais das organizações comunitárias são de importância fundamental, se se deseja captá-las no modo concreto de operação. Uma sociedade interna, não prevista e não estipulada, com fins próprios e cultura particular, emerge pelos interstícios da ordem oficial. A interação desses dois modos de vida, o oficial e o interno-informal, rende ensejo, naturalmente, ao surgimento de conflitos, os quais terão de ser solucionados por meio de processos de acomodação. (THOMPSON, 2002, p. 19-20).

Desse modo, busco refletir acerca de como um periódico produzido em espaço de privação de liberdade se configura como uma organização comunitária dentro da prisão e, se as tramas e dinâmicas para além da ordem oficial estão presentes nas páginas do impresso. Para auxiliar na compreensão dessas questões, vale ressaltar a importância do estudo de Flora Daemon³ sobre a imprensa carcerária e o fazer jornalístico na prisão a partir da experiência

3 Pesquisa de mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense (UFF), no Programa de Pós-Graduação em comunicação *A imprensa carcerária ou a reinvenção da notícia: um olhar intramuros sobre o fazer jornalístico*, Rio de Janeiro, 2009.

desenvolvida por internos do presídio Evaristo de Moraes na produção do impresso *Em Prol da Liberdade*. Segundo a pesquisadora, os jornalistas aprisionados travam “um embate discursivo com o fazer jornalístico hegemonicamente autorizado sobre o direito de representar um certo perfil humano” (DAEMON, 2009, p. 88), o perfil dos apenados.

É possível identificar a tendência de alguns aspectos ao analisar as escritas oriundas da privação de liberdade. O primeiro diz respeito à construção de textos baseados em relatos de vida para garantir a identificação dos leitores privados de liberdade, e o segundo está ligado a textos que têm interesse político no sentido de denunciar a precariedade das unidades prisionais, pressionar o poder público e, ao mesmo tempo, se aproximar e demonstrar respeito pela administração do presídio.

No entanto, *A Estrêla* silencia os conflitos internos existentes que revelam nuances e tramas da vida na prisão, a relação entre os internos em sua convivência, problemas entre a administração e os apenados e pouco se fala sobre dificuldades materiais. Não há questionamentos sobre as práticas existentes, tampouco a Victório Canepa. Compreende-se tal silêncio na medida em que a grande imprensa extramuros faz emergir nos discursos públicos a referência à condição de monstruosidade dos sujeitos que infringem e quebram a normalidade social (BRASILIENSE *apud* DAEMON, 2009, p. 88) e, no jornal do cárcere, a situação se inverte, como no caso de *A Estrêla*, no momento em que os privados de liberdade são redatores, autores e até mesmo fontes das matérias publicadas no impresso. Verifica-se um movimento no sentido de construir, a partir da escrita, uma representação positiva acerca dos internos da Penitenciária Central como também de seu diretor.

Nesse cenário, a prática jornalística no cárcere busca dar visibilidade ao sistema pe-

nitenciário e, no contexto complexo em que está inserida, ora permite dar voz às demandas e anseios dos apenados, ora se submete às normas do Estado. Mas, apesar de todas as ambiguidades, percebe-se como a prática jornalística realizada em presídios é um recurso importante na medida em que traz à tona sujeitos invisibilizados e silenciados em seus anseios, apesar das contradições e complexidades que envolvem esse processo.

A primeira edição da revista aqui estudada traz Victório Canepa como diretor, fundador e responsável, Jacy Monteiro como assistente técnico, A.S. Rangel como redator-chefe, Walter Barros da Silva como secretário e Gilberto César P. de Castro como gerente de publicidade. Quanto aos colaboradores, aponta-se que são diversos e sem especificar nomes⁴.

A partir da edição de número 3, o único nome que consta como equipe é o de Canepa e, segundo informações contidas na revista, toda a renda obtida com a venda do periódico era revertida para as famílias dos internos, o que justificaria um trabalho voluntário por parte da equipe. Mas então se tratando de colaboradores diversos, o que eles nos apontam? Artigo de Flaminio Favero, publicado na *Folha da Manhã* no dia 1 de junho de 1951, e publicado posteriormente na edição de número 4 de *A Estrêla*, aborda alguns sentidos dos textos de presos publicados no impresso. Ele diz que a revista “está cheia de colaborações reveladoras de tantos mistérios e pensadores que a psicanálise destrincharia com facilidade”:

Abrem suas almas nas mais expressivas tendências assim reveladas, ou então, vestem em temas de emoção os próprios sentimentos. Talvez até nem seja isso, muitas vezes e sem exortações e censuras que a si próprios fazem; clareando pela recordação um caminho errado e animando-se para os novos rumos que de-

4 Não está especificado na revista se esses sujeitos que constam como pertencentes à equipe são privados de liberdade ou não.

sejam seguir, embora nem sempre com ânimo para tanto. (ed. 4, p. 51).

Para interpretar como os apenados escritores “abrem suas almas” trazendo à tona suas subjetividades e sensibilidades que emergem nas páginas da revista, trarei a partir de agora textos que revelam nuances de suas vidas e sentimentos. O que nos contam os internos da Penitenciária Central? O que nos revelam sobre a vida no cárcere?

A escrita como desabafo: uma forma de amenizar a solidão

A escrita na prisão assume um sentido de grande importância, pois por meio dela, os presos buscam “aliviar tensões e suprir carências mais profundas” (MIGNOT, 2002, p. 117). A leitura de diversos trechos de *A Estrêla* ajuda a pensar nas escritas que emergem do cárcere como uma “tentativa desvairada de abolir a mais difícil das distâncias impostas entre um homem e o mundo” (MORAES, 2000, p. 55), que é a prisão. Verônica Sierra Blas aponta a escrita como grande protagonista em espaços de privação de liberdade:

[...] em qualquer história carcerária, a escrita mostra-se como protagonista indiscutível: escrever foi a chave para resistir no interior das prisões, para tornar possível que os presos e presas não rompessem o laço com o exterior, para manter a moral alta e a vontade de lutar, para conservar a identidade, para sobreviver à injustiça, à tristeza, ao pânico e ao desespero [...]⁵. (2016, p. 20, tradução nossa).

Diante desse cenário, a escrita se torna uma forma de superar a solidão, possibilita

5 “[...] em cualquier historia carcelaria, la escritura se alzaba como protagonista indiscutible: escribir fue clave para resistir en el interior de las prisiones, para hacer posible que los presos y presas no rompiesen los lazos con el exterior, para mantener la moral alta y las ganas de luchar, para conservar la identidad, para sobrevivir a la injusticia, a la tristeza, al pánico, a la desesperación [...]”.

a ilusão da liberdade tão almejada, torna-se um canal de desabafo e exercício de si, “se converte em uma necessidade vital”⁶ (RUBALCABA PÉREZ, 2005, p. 222). Ao extravasar os sentimentos por meio de escritos, a saudade e o desejo de liberdade são expressos com intensidade nos textos dos autores do cárcere. Escrever se torna um mecanismo de lembrança, de expressar a dor e mostrar o sentido de estar na condição de apenado, de “amanhecer na prisão”:

Você sabe o que é amanhecer na prisão? É um amanhecer triste e melancólico, onde se sente a saudade de tudo e de todos... É ver velhos e moços que passeiam no pátio, sem saber se jamais um dia alcançarão a liberdade.

O amanhecer na prisão é sentir com nostalgia a saudade, a saudade de um passado venturoso; é viver horas e minutos à espera da grande surpresa – a liberdade!!!

O amanhecer na prisão é ter uma vontade louca de retornar ao lar, de viver a vida de amor e de carinho junto aos queridos entes, filhos e esposa. (ed. 3, Procopinho, p. 64).

Amores vividos antes do encarceramento, histórias de quem nunca amou. A necessidade de buscar a vida para além do sofrimento, da culpa, das tristezas oriundas das falhas e da consequente prisão, mostram-se presentes:

Do amor...

Eis retratada a vida de um condenado, que outrora nunca amou, hoje sentindo os dissabores da revolta ou, pior, o desfibramento do seu coração, implora da vida somente amor. (ed. 4, Presidiário 1658, p. 52).

Folheando *A Estrêla*, percebo que para os internos é possível “através da escrita e graças à ela, conseguir vencer o tempo, combater o sofrimento e deixar registrada para sempre sua memória, convertida hoje em história”⁷.

⁶ “se convierte en una necesidad vital”.

⁷ “a través de la escritura y gracias a la escritura, lograr vencer el tiempo, combatir el sufrimiento y dejar re-

(SIERRA BLAS, 2016, p. 35, tradução nossa). A experiência do confinamento, sem dúvidas, estimula a produção de memória, e o exercício de consciência. Escrever torna-se um processo terapêutico para o encarcerado na medida em que favorece expor subjetividades, esperanças, mas também medos e culpas:

Se arrependimento fosse ‘absolvição’, os portões desta casa já se tinham aberto para mim! Contudo, resta-me abalizada esperança. Ser compreendido e observado por vós, homem de grandes experiências penitenciárias! Não tenho parentes e nem amigos que me possam ajudar. (ed. 3, Presidiário nº 3837, p. 62).

Tal escrita oriunda do encarceramento faz também compreender “os prisioneiros como indivíduos que desenvolvem seu universo particular por meio do que é escrito a partir das dificuldades e restrições impostas pela vida em privação de liberdade”⁸. (NAVARRO, 2005, p. 19, tradução nossa). Segundo Rocha (2004), a decisão de escrever, muitas vezes, é tomada pela necessidade de reconhecer a realidade e modificá-la. E, diante desse relato, o autor realiza um exercício de si, de forma que articula a si próprio diante de determinados valores.

Para interferir na realidade em que vivem, ora esses sujeitos se utilizam de uma linguagem política, ora a linguagem poética se torna um meio de suscitar o universo prisional, as dificuldades da vida no cárcere e revelam a busca por um novo destino. Nesse sentido, a escrita de poemas que emergem da prisão parece ser oriunda de profundo sofrimento, sentimento esse que transborda nos versos que nascem entre as grades. É possível perceber que os apenados olham para dentro de si ao escrever, num movimento que traz à tona o passado, as dores do presente, as marcas dei-

gistrada para siempre su memoria, convertida hoy en historia”.

⁸ “los prisioneros como individuos que desarrollan su particular universo de lo escrito sorteando las dificultades y restricciones impuestas por la vida privada de libertad”.

xadas pela vida na prisão e o quanto vislumbram a liberdade e um futuro melhor. Talvez esses poemas representem o “grito” de quem queira recuperar a dignidade e a autoestima perdida durante o cumprimento da pena:

Versos de Zé Luiz
Por crime e por pecado,
Padece o coração
De um pobre condenado
Que ainda sofre por paixão.

Meu sentimento é tão profundo...
Fui vítima do amor,
E nada neste mundo
Pode dar fim à minha dôr!

Imploro então o perdão de Deus,
Pois do teu amor, ou da tua aflição nem mesmo
dos olhos teus
Posso esperar contemplação
Sofro tal como Nazareno;
Vivo isolado do meu lar.
Mas, como êle, bom e sereno,
Hei de vencer o meu penar!

(ed. 4, Presidiário 1776, p. 10).

Através da leitura dos textos contidos na revista, é possível enxergar esses sujeitos para além do crime cometido e perceber o ser humano em suas fragilidades, emoções e sentimentos. Os privados de liberdade escrevem, reescrevem suas histórias, e surgem testemunhos de sofrimentos durante os dias de aprisionamento, além da imensa solidão pertencente ao cotidiano desses sujeitos. Esses escritos trazem “o elemento biográfico a um alto nível de expressividade tornando-os inteligíveis dentro das convenções de determinado contexto histórico e cultural” (CANDIDO, 2000, p. 35) que, nesse caso, é o ambiente prisional.

Entre os temas mais recorrentes na escrita desses poetas do cárcere estão: liberdade, amor, saudade e a própria prisão. Nessa poesia do cárcere, o amor, de resto, inunda o verso do detento. Há por todos os lados choros,

soluços, lábios de coral, saudades, recordações desesperadas, rogos. Após o testemunho da rima, falam mais livremente e com maior franqueza (JOÃO DO RIO, 2008). Esses sujeitos trazem seus testemunhos de vida por meio de seus versos e, nesse momento, “as representações desveladas permitem que pelo discurso, elas se produzam, num movimento descrito como uma ‘poética da experiência’ onde o narrador se inventa como sujeito da linguagem” (CUNHA, 2000, p. 178).

Mas na Penitenciária Central havia também uma escrita motivada por um tema imposto. Em concurso de poesia com o nome de “Onde está o Poeta”, realizado pela equipe da revista sobre o tema “Com trabalho e disciplina ganharás a liberdade”, o texto abaixo foi eleito como o melhor:

Não sucumbe, camarada!
Não aumenta teu tormento;
Pois nem tudo está perdido,
Nem a vida naufragada.
Não pensa no longo tempo!
Vês minh’alma confortada?
– Quem tem bom comportamento, tem a pena atenuada.

E não é apenas sobre seus sentimentos que os internos se fazem ouvir. Trazem também suas concepções sobre o mundo do lado de fora, questionam a sociedade em que vivem, questionam valores:

Por que não se gastam os dinheiros para matar a fome, o frio; para cessar as pragas? Por que não se desbrava o solo, os ares, as ciências no sentido do bem? Por que não vulgarizam os gêneros, a música, as artes, enfim, todos esses valores espirituais que formariam um mundo decente – conservando os filhos, resguardando os pequeninos que nem sabem falar? Por que se invadem as terras alheias com ganância e com ódio? Que exemplos querem dar? (ed. 3, p. 29).

Escrevendo sobre temas diversos e publicando artigos que apresentavam forma discursiva

siva elaborada, o Presidiário X⁹, redator da revista, chama atenção pelas reflexões propostas e pelos belos textos publicados. Sendo assim, destaco a partir de agora algumas das publicações desse autor que considere importantes para seguir interpretando os sentidos das escritas aprisionadas.

Presidiário X: lugar de escrita, escolaridade e comportamento “ideal”

Enveredar pelos escritos de X levaram-me a uma questão: qual o nível de escolaridade dos internos que colaboravam com a revista? Os textos do redator demonstram um certo nível cultural que o diferencia dos demais, seria então a escolaridade um critério para publicação de textos no impresso? O redator de *A Estrêla* produzia artigos sobre filósofos, sobre o diretor, sobre execução penal, sobre sofrimentos, sobre suas concepções religiosas:

Lembro-me de Sócrates a propósito de tudo o que se deixou de fazer no mundo, segundo ele e Cristo. Sócrates é mais antigo, mas não foi melhor do que Cristo. [...] E morreu, igual a Cristo, como subversor. Morreu porque, se na época de Cristo havia Judas, ou Pilatos, ou Herodes, na de Sócrates existia Anitis e outros facínoras. (ed. 3, Presidiário X, p. 39).

O interno defendia sujeitos dos quais conhecia as histórias e, sobretudo, defendia seu diretor. Como redator, seguia a linha editorial do impresso e seu responsável. Talvez para defender a administração de algum conflito interno, ele chama atenção para o fato de Canepa ser justo com presos, buscando corrigi-los, recuperá-los, motivo esse que deveria levar à paz na unidade. “O diretor ideal, como diz o velho ditado da cadeia, repetido por presos

e guardas, é aquele que não é bom nem mau, mas justo (THOMPSON, 2002, p.56)”. Segundo X, Canepa representava esse gestor:

O Diretor está sempre em seu gabinete, além dos encontros semanais, reuniões semanais. Não sofremos injustiças do conhecimento da Diretoria: há este motivo para seguirmos em paz com a instituição. (ed. 3, Presidiário X, p. 19).

Ao tratar da própria execução penal, X era crítico, opinava e elaborava suas ideias de maneira muito coerente. Ao discutir a individualização da pena, ele debatia a necessidade de abolir a sentença determinada a partir do crime cometido, pois se é o criminoso que deve ser julgado, por que o crime a determinar a pena? Para ele, o crime era um conceito variável de determinada ação lesiva à coletividade. Assim, não importa o crime que haja praticado. Quer-se saber por que e como chegou ao delito e impõe-se que julgado será o criminoso. Explicados os motivos que o levaram ao crime, empreende-se o esclarecimento da procedência ou improcedência dos fatores (ed. 2, p. 37).

Segundo Gros (2001), individualizar a pena seria o mesmo que remoralizar, ressocializar. Punir é fazer com que o sujeito culpado assimile normas morais ou sociais. Reforçando o discurso do período, o escritor do cárcere diz que se a função da instituição penal é ensinar, corrigir e readaptar o sujeito socialmente, o tempo de reclusão deve ser proporcional ao tempo de assimilação dessas diretrizes, pois se a intenção da lei penal é corrigir, que fiquem presos até que se corrijam. E seria possível “corrigir” os internos por meio da privação de liberdade? Essa discussão será feita mais adiante e aqui destaco que X ainda faz observações acerca de suas condições de escrita:

Escrevi pelo tato. Não havia luz depois das 21 horas e já eram 22 quando comecei a escrever numa tira de papel, sobre uma prancha de papelão, sentado à cama. (ed. 2, Presidiário X, p. 37).

9 Esse é o pseudônimo pelo qual o redator se identifica e assina seus textos. Alguns internos se identificam por meio de números, outros com pseudônimos e poucos com seus próprios nomes e sobrenomes.

Veronica Sierra Blas (2016, p. 19, tradução nossa) chama atenção para a importância de perceber as condições que perpassam a produção escrita dos privados de liberdade:

[...] revelar os usos e funções da escrita em reclusão, assim como determinar suas condições de produção e difusão, analisar suas modalidades de conservação, apropriação e interpretação, são tarefas necessárias, imprescindíveis, quando se trata de compreender de forma global a repressão [...]¹⁰.

Pela capacidade de escrever textos densos e críticos mesmo em condições adversas, parece-me que essa era uma prática de X mesmo antes do encarceramento, talvez tenha sido eleito redator por ter uma formação diferenciada, um nível maior de escolaridade. Seu tempo como redator foi curto, mas significativo. Na edição de número 6 do periódico, outro interno fala da despedida de X, destaca sua importância e deseja felicidades:

Você, que partiu do nosso meio para a tão esperada liberdade! Você, que tão retamente soube acatar e cumprir as determinações disciplinares dessa casa. Você, que, como secretário das comissões, sempre foi um companheiro compreendedor dos seus deveres para com a administração, como para a coletividade...Você, que, como redator e repórter do nosso órgão ‘A Estrêla’ foi sempre um baluarte, um batalhador incansável pelo progresso e pelo desenvolvimento da matéria contida nas suas páginas, para dar assim ao Brasil e a P.C.D.F, uma revista modelo nos assuntos penitenciários. Você, que foi mais que um companheiro, e chegou a quase um irmão, que foi sempre possuidor de todos esses predicados, é também merecedor dos meus votos de felicidade e do meu adeus de amigo. (ed. 6, p. 44).

A relevância do trabalho de X fica evidente

10 [...] desvelar los usos y funciones dados a la escritura em reclusión, así como determinar sus condiciones de producción y difusión, y analizar sus modalidades de conservación, apropiación e interpretación son tareas necesarias, incluso imprescindibles, cuando de lo que se trata es de comprender de forma global na repressão [...].

em um outro artigo no qual se conta um pouco da história do “Rei Momo” da Penitenciária Central, aquele que “é gordo, é redondo, mas não é carnavalesco”. Um interno que iniciava suas atividades laborativas na unidade às 5 horas da manhã, pouco falava, mas segundo X, possuía suas ternuras:

O que acontece com a sua alma durante a noite não posso adivinhar; nessas horas eu não o vejo e também estou no meu cubículo às voltas com a minha. Mas imagino que este sêr tem um espírito, sei que possui ternuras humanas em seu coração. Sempre me procura para escrever as cartas que manda para casa, querendo saber da saúde da família e pedindo brôa de milho, de que gosta muito. Depois de escritas, ele quer que leia, a vêr se algum abraço ou beijo ficou omitido. (ed. 4, Presidiário X, p. 35).

Segundo Marques (2008), é uma prática muito comum, entre os que não dominam ou dominam pouco a prática de escrita, delegar a outrem a tarefa. O escritor torna-se então até provável criador, na medida em que interfere com suas ideias e conhecimentos. Possivelmente, X assumia esse papel importante também na vida de outros apenados, o que possibilitava a comunicação destes com o mundo para além das grades. Prática essa que ocorre de distintas maneiras e em diversos contextos sociais, como aponta Kalman (2002, p. 288, tradução nossa):

O trabalho de ler e escrever para outros tem sido realizado de distintas maneiras segundo o contexto social e o momento histórico. As vezes os escritores eram copistas, que significa reprodutores humanos de diferentes tipos de textos e documentos. Em outras ocasiões se convertiam em mão e mente dos poderosos. Também havia os que funcionavam como intermediários para que outros pudessem fazer uso da língua escrita¹¹.

11 El trabajo de ler y escribir para otros há sido realizado de distintas maneras según el entorno social y el momento histórico. A veces los escribanos eran copistas, es decir, reproductores humanos de diferentes tipos de textos y documentos. En otras ocasiones se

A função de X enquanto intermediário da comunicação dos internos fez-me atentar para outros tipos de escritas que circulavam na Penitenciária, no caso a epistolar. Para Foucault, “a carta faz o escritor ‘presente’ àquele a quem dirige. E presente não apenas pelas informações que lhe dá acerca da vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios; presente de presença imediata e quase física” (1992, p. 149). Esse cenário permite compreender a importância do papel do redator em questão, pois “a limitação de visitas e trocas epistolares constituem na verdade uma espécie de pena acessória que se soma de forma imensurável à condenação”.

“A limitação de visitas e trocas epistolares constituem na verdade uma espécie de pena acessória que se soma de forma imensurável à condenação”¹². (CAFFARENA, 2005, p. 121, tradução nossa). Escrever na prisão torna-se uma possibilidade de resistência frente às penalidades e ao esgotamento físico e mental, um espaço para refletir e para sentir afeto apesar das condições desumanas da vida no cárcere:

[...] a leitura e, sobretudo, a escrita, se lançam como uma forma de resistência, como uma maneira de manter sua coesão, sua integridade. A escrita se converte para o prisioneiro em um meio privilegiado de alcançar o reconhecimento do que resta de sua própria consciência. Escrever, quando se faz de uma maneira consciente e criativa, quando pretende ser algo mais que um jogo, ajuda a extrair o sentido da própria existência. A escrita é um meio exclusivo em que se coisifica o processo do pensamento e por conseguinte, a única plataforma para lançarmos a aventura de entender, de explicar e de assimilar. A partir do estudo do pensamento fixado, detido e traduzido em um suporte, se pode conhecer, em suma, a possibilidade de in-

convertían en la mano y la mente de los poderosos. También había quienes fungían como intermediarios para otros pudieron hacer uso de la lengua escrita.

12 “la limitación de las visitas y los contactos epistolares constituyen de hecho una especie de pena accesoria que se agrega inconmesuradamente a la condena”.

serir algo no real, portanto modificá-lo. Esse é o valor da poesia, das palavras e da criação: modificar a realidade¹³. (RUBALCABA PÉREZ, 2005, p. 234).

A escritura carcerária elaborada em condições em que viver é uma luta constante, se configura como uma forma de reconstruir a identidade perdida e dar continuidade à vida apesar das adversidades e clausura, das péssimas condições, e de “os insultos, as humilhações. Se escreve, em resumo, para seguir sendo pessoa”¹⁴. (RUBALCABA PÉREZ, 2005, p. 235, tradução nossa). Diante de todas as reflexões sobre os sentidos da escrita na prisão, quantos outros além de “Rei Momo” delegavam a outrem essa tarefa? O que revela *A Estrêla* sobre o nível de escolaridade dos internos? Segundo Canepa, em relatório sobre as atividades do ano de 1951, publicado na íntegra na revista, 34,8% dos presos da unidade eram analfabetos:

Como se vê, bem altas são as finalidades desse curso, pois além de possibilitar ao penitenciário seu aprimoramento intelectual e meios de um futuro próximo ingressar em curso superior, abrindo-lhes horizontes para nova vida, constitui também, um incentivo à disciplina interna, visto que é o mesmo, pelas exigências de matrícula, um prêmio ao preso de bom comportamento. (ed. 10-11-12, p. 58).

13 [...] la lectura y, sobre todo, la escritura, se alzan como una forma de resistencia, como una manera de mantener su cohesión, su integridad. La escritura se convierte para el prisionero en un medio privilegiado para lograr el reconocimiento de los restos de la conciencia propia. Escribir, cuando se hace de una manera consciente e creativa, cuando pretende ser algo más que un juego, ayuda a extraer el sentido de la propia existencia. La escritura es el medio exclusivo en el que se coisifica el proceso del pensamiento y por conseguinte, la única plataforma para lanzarnos a la aventura de entender, de explicar y de asimilar. A partir del estudio del pensamiento fijado, detenido, plasmado en un soporte, se puede conocer, lo que se supone, en resumidas cuentas, insertar algo en lo real y, por tanto, modificarlo. Este es el valor de la poesía, de las palabras, de la creación: modificar la realidad.

14 “los insultos, las vejaciones. Se escribe, em resumen, para poder seguir siendo persona”.

O texto do diretor leva à reflexão de diversas questões. Nessa citação, Canepa menciona a garantia ao desenvolvimento intelectual dos internos, mas trata a educação como recompensa. Direito garantido a somente aqueles que se comportam dentro dos padrões. O que leva a pensar que a escola da Penitenciária Central era um espaço destinado ao “bom preso”. Mas quem são os internos exemplares? Era uma prática de Canepa instituir prêmios para os privados de liberdade que se comportavam de maneira exemplar:

Posteriormente, e dado o elevado quociente dos casos positivos de regeneração, outros benefícios foram se estabelecendo visando o mesmo objetivo, até no governo nitidamente reformador do Sr. Getúlio Vargas surgiram diferentes códigos mais humanizados para serem aplicados na Justiça civil e militar do país e logo depois os prêmios ‘Getúlio Vargas’ e ‘Getúlio Vargas Filho’ (o saudoso Getulinho) prêmios esses que, já agora acrescidos do ‘Prêmio D. Darcy Vargas’, este exclusivamente destinado às mulheres delinquentes de exemplar comportamento e aqueles aos sentenciados em idênticas condições: o nosso atual diretor cogita de revigorar e estabelecer no período de governo ora em vigor. Conforme se vê, a condição essencial para se obter esses e outros benefícios legais é o exemplar comportamento na prisão, circunstância, aliás, que importa ainda na conquista de outras regalias que se faculta aos presos que façam jús a tais benefícios. (ed. 1, p. 8).

Augusto Thompson¹⁵, em seu livro *A questão penitenciária*, relata um fato ocorrido na Penitenciária Lemos Brito, nome que recebeu a Penitenciária Central do Distrito Federal anos

15 Augusto Thompson lecionou Direito Penal e Criminologia na Universidade Cândido Mendes (Ucam). Exerceu os cargos de procurador do Estado da Guanabara (1963) e do Rio de Janeiro, foi superintendente do Sistema Penal do Estado da Guanabara (1965), presidente do Conselho Penitenciário do Estado do Rio de Janeiro em duas administrações (1983 e em 2003), diretor-geral do Sistema Penitenciário do Estado do Rio de Janeiro e chefe da Comissão de reforma do Regulamento Penitenciário do Estado do Rio de Janeiro. Foi vice-presidente do Instituto Carioca de Criminologia (2005). Autor de livros na área de criminologia.

mais tarde. Na ocasião, Thompson era superintendente do Sistema Penal do Estado da Guanabara e esteve com um interno considerado de ótimo comportamento:

Numa solenidade festiva, na Penitenciária Lemos Britto, presentes várias figuras da alta administração do Estado, servia como garçom, um interno que era exibido como o exemplo mais convincente da capacidade regeneradora da prisão. Condenado a mais de cem anos, pela soma das penas recebidas em inúmeros delitos violentos, ostentava a estrela amarela, símbolo do excelente comportamento carcerário. Respeitando rigorosamente as normas disciplinares, colaborava eficientemente com a administração, na tarefa de manter em paz a rotina da casa. Era eu, na época, o Superintendente do Sistema Penal. Conversava com o Promotor Silveira Lobo, quando o mencionado rapaz nos serviu de bebida, aproveitando para trocar algumas palavras comigo. Após afastar-se, comentei com meu interlocutor: – É, parece que este homem está mesmo, recuperado. Silveira Lobo demorou-se um pouco seguindo com a vista o interno, objeto do comentário. Depois soltou vagarosamente: – É... Está muito diferente do menino que conheci, logo que caiu nas mãos da Justiça. Engordou, exibe formas mais arredondadas; os olhos estão meio baços e, em geral, fitam o chão; curva-se com bastante servilidade, diante das pessoas; a voz mostra um certo acento feminino, move-se com lentidão, cuidadosamente, quase diria com receio; formalmente respeitoso, parece preocupado em, por qualquer distração, deixar de cumprir algum comando regulamentar; na pequena conversa que teve com você, sugeriu um intriga entre um guarda e um companheiro. É... daquele jovem atrevido, enérgico, topetudo, independente, altivo, não restou nada. E terminou, com triste ironia: – Foi uma bela regeneração [...]. (THOMPSON, 2002, p. 13-14).

Thompson faz-me perceber pelo texto questões muito relevantes. A primeira delas é o fato de que a marca da administração de Canepa sobreviveu por alguns anos mesmo após sua saída. A estrela que enfeitava os internos de bom comportamento, ideia de Ca-

neppa e que acabou por inspirar o nome de seu periódico, lá estava na década de 1960, quando a Penitenciária Central já havia mudado de nome e possuía outro diretor. Outro ponto fundamental é pensar em como se comportava o preso exemplar, pois certamente era aquele que frequentava a escola e trabalhava na redação da revista. Dessa forma, ser um preso ideal é ser aquele que se submete às regras, que não cria tumultos, que relata à administração o que se passa na unidade, que se mostra cabisbaixo e submisso, sem autonomia, sem iniciativas. Adaptar-se a ser um bom preso será um aprendizado útil à vida extramuros? Adaptar-se à vida na prisão parece-me apontar o oposto das necessidades e aprendizagens necessárias para a vida em sociedade, como aponta Augusto Thompson:

Parece, pois, que treinar homens para a vida livre, submentendo-os às condições de cativeiro, afigura-se tão absurdo como alguém se preparar para uma corrida, ficando na cama por semanas. (THOMPSON, 2002 p. 12-13).

Cabe destacar a grande contradição de uma instituição que, por mais que reforce um discurso pedagógico, torna-se, por suas ambiguidades, um espaço antieducativo:

Como a prisão, que é antieducativa em si, pode oferecer às pessoas que não pediram para estar lá e que só raramente reivindicam programas educacionais, uma possibilidade de contar com aprendizados úteis no seu momento presente e que lhes servirão até a sua saída? A menos que se considere, como alguns, que repressão e educação são as duas faces da mesma moeda. (MAYER, 2013, p. 34).

Se o redator X possuía um nível mais alto de escolaridade, ponto alto para sua atuação na equipe do periódico, era possível também supor que apresentasse o comportamento do preso tido como exemplar. Talvez esse sujeito, pelo papel que parecia representar entre os internos, tinha o perfil desejado frente à

administração e, ao mesmo tempo, um líder diante dos demais presos. Comportamentos e perfis que ressaltam toda a ambiguidade e contradição que perpassa uma unidade prisional. A direção necessita do interno que se submete ao que é imposto e precisa também de líderes que entendam as ordens da administração e, ao mesmo tempo, ajudem a comandar e manter a tranquilidade na instituição:

Nos sistemas de poder, se o dominador não dispõe de força bastante para, sozinho, manter a massa subjugada só lhe resta a alternativa de selecionar, dela, uma parte, preferencialmente composta de líderes, para ajudá-lo nesse mister. Como é intuitivo, para atingir tal desiderato, terá de conceder vantagens aos coadjuvantes (elevados à posição de aliados). (THOMPSON, 2002, p. 51).

Em um contexto em que mais de 30% dos internos eram analfabetos, é possível deduzir que boa parte da população prisional do período possuía baixa escolaridade, creio que poucos eram os internos que preenchiam os pré-requisitos para atuar e colaborar com a produção de *A Estrêla*. Haveria de ser esse um preso exemplar e que ainda dominasse as práticas de leitura e escrita. Diante desse cenário, se faz importante suscitar outros dados interessantes trazidos por Canepa, acerca da escolarização oferecida na unidade. Segundo ele, no ano de 1951, um total de 629 presos de “bom comportamento” foram matriculados, com a desistência de 375 alunos. Tal fato leva à reflexão de que a educação na prisão raramente é acolhida como uma oportunidade (MAYER, 2013). Além disso, não há como saber se a escola que atendia a esses sujeitos dava conta das demandas e anseios dos internos, no mais, seria mesmo intenção de Canepa garantir aos internos aprimoramento intelectual ou apenas manter a ordem na unidade? Trecho abaixo suscita a questão:

A demanda por educação na prisão é paradoxal: ela vem frequentemente da administração que tendo, sem dúvida, medo do ócio, realiza atividades que permitirão aos detentos suportar o menos mal possível a perda de sua liberdade. Competições esportivas e recreativas, a religião, possibilidade de trabalho em oficinas, formações profissionais e cursos, às vezes são oferecidos aos detentos – isso depende dos países e dos continentes. Além do bem estar físico, social e intelectual que essas iniciativas devem trazer, elas são destinadas, sobretudo, a manter a calma no interior da instituição. (MAEYER, 2013, p. 34).

Para além da escolarização e, como já mencionado em diversos momentos, Canepa falava de uma unidade prisional pedagógica. Gros (2001) ajuda a melhor compreender o discurso de Canepa quando expõe o fato de que, no pensamento ocidental, desenharam-se quatro centros de sentido para a pena, elaboraram-se quatro sistemas de justificação, articularam-se quatro discursos:

- um discurso sagrado ou moral, suspenso de um interdito ou de uma norma universal transgredida. Punir é recordar a lei: em que se trata de cerimonia sacrificial e de expiação, de repressão dos corpos e de penitência das almas, de obediência dolorosa a si mesmo e da psicanálise da necessidade de punição; em que o castigável aparece como traidor, maldito, ou legislador do seu próprio sofrimento;
- um discurso político – econômico que pretende regular-se pelos interesses imanentes de uma sociedade ameaçada. Punir é defender a sociedade; em que trata de ou de simbólicas sociais, de proteção da segurança ou das liberdades públicas, de conservação da propriedade e de cálculo dos custos; em que o castigável assume as figuras do monstro doente, do inimigo, do pequeno déspota, do enganador e do mau calculador;
- um discurso psicopedagógico que pretende obter pela pena a transformação do condenado. Punir é educar um indivíduo: em que se trata de regeneração e de culpabilização, de

condicionamento e de emenda; em que o castigável será considerado um indivíduo educável;

- um discurso ético- jurídico que tenta ultrapassar o lado ético da vingança para pensar uma justiça relacional. Punir é transformar o sofrimento em infelicidade: em que se trata de reconhecimento e de estima de si, de rivalidade e de desafio, de pedaços de caminho partilhados entre a vítima e o criminoso. (GROS, 2001, p. 11).

Todas as questões perpassavam as práticas existentes na Penitenciária Central, mas como já mencionado, o sentido que Canepa elegeu para divulgar seus projetos foi o psicopedagógico. E como os escritores privados de liberdade abordam essa penitenciária, dita humana e pedagógica, nas páginas do impresso?

“Penitenciária sim, mas humana”

Inspira o título deste subitem o texto de um privado de liberdade que descreve a Penitenciária Central simulando a percepção de um visitante que adentrava a unidade pela primeira vez. A descrição dos guardas e dos internos busca mostrar um ambiente harmonioso que se parece mais, palavras do próprio interno, com um estabelecimento universitário do que uma prisão. Em um discurso que busca desconstruir a imagem negativa de internos e agentes penitenciários que faz parte da opinião pública e no qual a penitenciária é vista como um enorme edifício, lúgubre, sinistro, de paredes, grades e muralhas acabrunhadoras, em que estão amontoados mil, dois mil ou mais presos (MIOTTO, 1992), ele diz:

Quem vem visita-la, logo a entrada fica bem impressionado. Guardas atenciosos, vestidos de um uniforme composto de: blusa branca, de mangas compridas; gravata preta, um distintivo sobre o bolso da esquerda, calça de casimira azul marinho e sapatos pretos, não trazendo arma alguma – causam logo boa impressão. Vemo-los por toda parte em perfeita comunhão entre os reclusos, num ambiente de

perfeita harmonia, respeito e confiança. Quanto aos presos, quem pensa encontrar homens mal encarados, trazendo ódio estampado nas faces, cabeças raspadas, metidos na velha zebra, cheios de números no peito ou nas costas, muito se engana. Não existe nada disso na Penitenciária Central do Distrito Federal, (ed. 21, p. 29).

Causar boa impressão era o lema de Canepa e os textos dos internos reforçavam a ideia de uma prisão ideal. No entanto, por mais que o diretor buscasse suscitar uma representação inovadora e pioneira sobre o caráter humanizador do tratamento destinado aos seus custodiados, os protestos humanitários contra a prisão são tão antigos quanto ela própria e aparentam-se em geral com a necessidade de reajustar periodicamente a pena aos limiares da tolerância em vigor (PECH, 2001). Nesse sentido, o que pretendo aqui é interpretar quais as práticas e discursos humanizadores perpassam *A Estrêla* e refletem as ações realizadas na penitenciária dirigida pelo capitão, a partir do entendimento de que esse discurso humanizador da pena não é característica específica do período aqui estudado:

Cabe destacar, ainda que de modo sintético, a percepção de que todas as instrumentalizações que as perspectivas da economia política da penalidade puderam desvelar na relação entre Estado e punição fizeram-se sempre no acompanhamento de atribuições de sentidos racionais, humanizantes e civilizatório das penalidades, os quais foram incorporados nos discursos oficiais e até operacionalizados por meio de políticas públicas. (CHIES, 2013, p. 25).

Dentre as práticas instauradas pelo diretor, havia uma data festiva no mínimo bastante curiosa: o dia do encarcerado, momento que contava com a participação de visitantes ilustres, religiosos e jornalistas. O que se observa é que esse momento festivo tinha como objetivo atrair os olhares para penitenciária e criar a ideia de uma suposta alegria dos internos tendo em vista a “maravilha” de gestão, uma

unidade prisional que se configurava como um espaço bom para se viver. No mínimo intrigante supor que haja motivos para comemorar o fato de estar privado de liberdade. É possível pensar em questionamentos quanto ao fato de tornar o encarceramento um motivo de festa e o trecho a seguir, de um repórter interno, traçando um paralelo entre o dia do encarcerado e a data de libertação dos escravos, já que ambas na mesma data, parece querer justificar a comemoração:

O Dia dos encarcerados e o Dia da Libertação dos Escravos encontraram-se 63 anos depois de decorrido este último. Seria algum feliz propósito que para sempre essas datas se unissem; elas nos dizem muito sobre a sociedade, falamos da prisão e sociedade, não como simples faces da vida marcando essa epopeia que é a nossa passagem pelo mundo. Todos nós temos uma história, que ampliada, é a história da sociedade onde vivemos. Logo, não é de se admirar que numa prisão haja festa, pois festa é comemoração, e deve ser interpretada, antes de tudo como uma expansão de sentimentos – coisa que só morre com a gente. [...] O repórter não pretende descrever o seu pensamento, mas que fazer se ele observou o que descreve [...]. (ed. 2, p. 17-18).

No entanto, texto de outro presidiário, também se referindo à data festiva, fala de toda tristeza que sente pelo fato de estar preso. Não culpa a instituição, não faz reclamações, ao contrário, culpa-se pelo ato cometido que o levou à prisão e de certa forma agradece por sentir-se menos solitário pela iniciativa e participação das famílias e outros sujeitos da sociedade livre em atividades na unidade. No entanto, expondo sua angústia ele diz que apesar de tanta “boa vontade”, sua infelicidade é grande e nada ameniza a vontade de ser livre:

[...] não podemos dizer, contudo, que somos realmente felizes, apesar de tôdas as demonstrações de boa vontade encontrada em todos vós, em homens ilustres, amigos e entes queridos. E por que? – porque em nossos corações

ainda existe, como fantasma, a dolorosa lembrança de um instante impensado. O desejo de liberdade é a nossa maior ambição. A dor, a culpa, a solidão – amenizadas por: Sentimo-nos seguros no meio desta tormenta, por que não somos aquela ilha isolada, temos os vossos carinhos e o vosso reconhecimento. (ed. 13, p. 59).

Essa citação retrata, mesmo que de maneira sutil, as ambivalências do ambiente prisional por mais que este se caracterize por uma proposta mais humana de tratamento. Para alguns autores, a prisão nunca será um ambiente acolhedor para projetos humano-dignificantes, nunca será um espaço de dinâmicas coerentes com uma única diretriz. O sistema prisional é complexo e paradoxal. Essa é a natureza da prisão assim como a violência – simbólica e concreta – permeia todas as suas dimensões e atinge todos que com ela se envolvem (CHIES, 2009). Possivelmente, Canepa não concordaria com essa concepção já que todo seu esforço se deu na intenção de mostrar que a Penitenciária Central se caracterizava como espaço acolhedor e, portanto, os presos teriam até mesmo motivos para comemorar a “estada” na unidade. O fato é que quaisquer que fossem as iniciativas, como relata o texto do interno, a infelicidade é apenas amenizada. Corroborando com a discussão aqui levantada, Julita Lemgruber (1999, p. 161) traz para reflexão a ineficiência da prisão e como se caracteriza como um equívoco histórico:

[...] a defesa da melhoria do sistema penitenciário não deve ser considerada uma postura reacionária ou idealista, na medida em que se advogam mudanças em uma instituição reconhecidamente falida, que serve para manter a lógica do Sistema de Justiça Criminal e o status quo. Enquanto não for possível nos livrarmos desse equívoco histórico que é a prisão, não podemos, simplesmente, ficar de braços cruzados. Homens e mulheres são condenados à prisão todos os dias e não acredito que procurar minorar o sofrimento dessas pessoas corresponda a legitimar a ideologia que defen-

de o aprimoramento do sistema prisional para continuar legitimando seu uso, com a justificativa hipócrita de que os infratores vão para as prisões para serem ‘ressocializados’. A posição advogada aqui é muito diversa.

A prisão ressocializa, regenera? Torna-se possível pensar em reintegração social? Muitos são os “re” trazidos nos discursos que remetem à privação de liberdade. O texto intitulado “O problema social do egresso” comenta a reincidência por conta da dificuldade que os ex-presidiários encontram ao retornarem à sociedade livre. A concepção desse apenado é que a prisão tem a função de reeducar, curar o privado de liberdade. No século XIX, a tônica do confinamento carcerário, que antes recaía sobre o alvo escarmento, passou a dar ênfase especial à meta reabilitação. Designada, indiferentemente, por terapêutica, cura, recuperação, regeneração, readaptação, ressocialização, reeducação, ora é vista como semelhante à finalidade do hospital, ora como à da escola (THOMPSON, 2002). Para o interno escritor todo o esforço regenerador da prisão de nada vale, caso não sejam solucionados os problemas que afetam sujeitos sociais tão estigmatizados quando estes transpõem os muros e grades:

De nada vale o esforço reeducacional da sociedade ao sequestrar o indivíduo numa prisão, afastá-lo de seu seio, quando não lhe proporciona, posteriormente, elementos que assegurem o resultado 100% eficiente de sua cura. Os dados estatísticos da reincidência são provas eloquentes e irrefutáveis de nossa afirmação. O egresso não encontrando ambiente favorável à sua integral recuperação, deixa-se conscientemente levar de novo para o terreno perigoso do crime, não por que queira tal, mas forçado pelas hostilidades provocadas pela sociedade que o puniu e não lhe deu elementos para reerguer-se satisfeitas suas exigências. (ed. 9, p. 37).

Os textos de *A Estrêla* jamais responsabilizam a própria prisão pelo fracasso, não ex-

põem a sua ineficiência. Poucos são os que relatam algum problema da Penitenciária Central e, se mencionado, tratam de eximir Canepa de qualquer responsabilidade. A ineficácia da prisão é sempre justificada pela ausência de recursos materiais, número deficiente de profissionais de tratamento e quanto à incapacidade dos guardas de ajudar os presos na reabilitação (THOMPSON, 2002).

As atuais instalações da Penitenciária Central do Distrito Federal, que diga-se de passagem, são destinadas ao futuro Presídio do Distrito Federal, apesar de modernas e bem projetadas, ressentem-se da falta de maior número de oficinas que permita aos seus administradores cumprirem totalmente os postulados da educação técnico-profissional, tão indispensáveis à solução do problema da criminalidade entre nós. Com os meios existentes, quer materiais, quer humanos, pouco mais do que é feito atualmente será tentado; estamos porém, certos de que aquilo que for possível fazer nas condições atuais o nosso diretor fará. Ele é um estudioso do problema da moderna técnica de administração penitenciária e como tal está nas condições para resolver estes problemas. (ed. 4, p. 26).

Canepa era representado enquanto um estudioso, aquele que se esforçava para que o melhor fosse oferecido aos internos e parece-me que tinha o propósito de fazer com que aqueles sujeitos acreditassem que estavam na cadeia para seu próprio benefício. Dentro dessa lógica, estão ali a fim de serem melhorados e salvos e se ainda não foi conseguido, o foi por uma série de circunstâncias meramente eventuais e acidentais que, em breve, serão removidas, à força do trabalho entusiástico que se desenvolve com vistas a tal desiderato (THOMPSON, 2002).

Os textos dos escritores apenados mostram como as contradições e complexidades existentes no sistema prisional não eram pauta da revista. Vinculando as práticas de tratamento penitenciário à crença nas filosofias

“re”, pouco falava-se dos efeitos perversos do encarceramento. Tal questão faz pensar se é possível mesmo crer, como Canepa pretendia e como os apenados expunham, por acreditarem ou na tentativa de agradar o diretor, que de fato é possível superar a violência imposta pelo aprisionamento, ou no máximo reduzir seus problemas e consequências:

As filosofias ‘re’, em que pesem suas diferenças, têm em comum a capacidade de mascarar não só a complexidade das sociedades e de seus fenômenos e instituições, mas também suas inerentes contradições. Ofuscam, ainda, a atuação seletiva do sistema penal, a qual se alimenta da vulnerabilidade de categorias sociais num contexto de contradições. Por último, em nossa perspectiva trata-se de algo indeclinável se ter em mente uma premissa ainda mais fundamental, a de que o ‘bom presídio’ é um mito... Mesmo as mais adequadas e salubres estruturas, acompanhadas de dignos serviços de hotelaria e do acesso aos direitos da utopia da pena neutra, não retiram- apenas anestesiaram- os efeitos perversos do sequestro. A prisão é uma instituição antissocial, deturpa qualquer possibilidade de reprodução de condições mínimas de sociabilidade saudável, motivo pelo qual é muito difícil se realizar análises que, ao final, concluam por uma solução dos seus paradoxos. Nenhuma conclusão será pelo melhor, mas sim pela possibilidade de sua redução de danos ou por sua abolição. (CHIES, 2013, p. 33).

Punir é castigar, a privação de liberdade leva ao sofrimento. Nessas condições, é possível de fato efetivar e garantir o sucesso de uma ação pedagógica? Para Thompson (2002, p. 96), a “ilusão de que a pena de prisão pode ser reformativa mostra-se altamente perniciosa, pois, enquanto permanecemos gravitando em torno dessa falácia, abstenho-nos de examinar seriamente outras viáveis soluções para o problema penal”.

Diante desse cenário, os escritores apenados buscam mostrar seus sentimentos, expressam subjetividades e também questionam o sistema penitenciário apesar de haver todo

um esforço a fim de representar, nas páginas da revista, a Penitenciária Central como instituição modelo e humanizadora da pena. No entanto, as reflexões aqui trazidas mostram também as mazelas causadas pela vida no cárcere, a partir da compreensão de que o mundo prisional é bem mais complexo e contraditório do que é possível perceber em *A Estrêla*.

Considerações finais

A escrita na prisão se configurava para os apenados da Penitenciária Central do Distrito Federal como uma forma de suportar o espaço frio do cárcere, permitindo, ainda, melhor compreensão das práticas jornalísticas nos presídios e as práticas cotidianas dos encarcerados, principalmente no que tange a uma realidade que possui suas especificidades e grandes problemáticas a serem enfrentadas.

Apesar dos internos retratarem a Penitenciária Central como um espaço humano e digno, também evidenciaram sofrimentos oriundos da vida no cárcere e uma postura da direção frente às atividades oferecidas na unidade prisional que pautava-se por trocas e prêmios para presos que apresentavam bom comportamento. As ambivalências do ambiente prisional, por mais que se propague uma proposta mais humana de tratamento, revelam que a prisão nunca será um ambiente acolhedor para projetos humano-dignificantes, nunca será um espaço de dinâmicas coerentes com uma única diretriz.

Propondo-me a melhor compreender essa penitenciária e os discursos que por ela circulavam e as políticas penitenciárias na década de 1950, não posso deixar de suscitar o fato de que os trabalhos sobre a história das prisões no Brasil tornam-se relevantes na medida em que contribuem para compreender e enfrentar os diversos problemas que afetam os apenados, abrindo espaço para novas pesquisas,

conhecimentos e intervenções nas políticas prisionais. Nesse sentido, a importância do presente artigo se configura por trazer à tona sujeitos quase invisibilizados pelas pesquisas acadêmicas e por revelar persistentes dificuldades e poucos avanços do sistema prisional brasileiro ao longo da nossa história recente.

Referências

CAFFARENA, Fabio. Condenados a escribir. Cartas e recuerdos del establecimiento penitenciario de Finales Ligure. In: SIERRA BLAS, Verônica; GÓMEZ, Castillo Antonio (Orgs.). **Letras bajo sospecha**: escritura y lectura em centros de internamiento. Alcalá: Ediciones Trea, 2005. p. 107-133.

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula: caderno de análise literária**. São Paulo: Ática, 2000.

CATANI, Denice Barbara; BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs.). **Educação em Revista**: a imprensa periódica e a história da Educação. São Paulo: Escrituras, 2002.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários íntimos de professores: letras que duram. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Tereza Santos (Orgs.). **Refúgios do eu**: educação, história e escrita autobiográfica. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. p. 159-180.

CHIES, Luis Antonio Bogo. A questão penitenciária. **Tempo Social - Revista de Sociologia da USP**. São Paulo, v. 25, n. 1, p. 15-36, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702013000100002. Acesso em: 2 maio 2019.

CHIES, Luiz Antônio Bogo. De boas intenções o inferno está cheio: reflexões sobre a educação formal nos ambientes prisionais. In: SILVA, Vini Rabassa da; MENDES, Jussara Maria; FAGUNDES, Helenara Silveira et al. (Org.). **Política Social**: temas em debate. Pelotas: EDUCAT, 2009. p. 103-130.

DAEMON, Flora. **A imprensa carcerária ou a reinvenção da notícia: um olhar intramuros sobre o fazer jornalístico**. 2009. 124f. Dissertação (Mestrado em

Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Pasagens, 1992.

GROS, Frédéric. Os quatro centros de sentido da pena. *In*: GARAPON, Antoine; GROS, Frédéric; PECH, Thierry. **Punir em democracia e a justiça será.** Rio de Janeiro: Instituto Piaget, 2001. p. 11-14.

KALMAN, Judith. El escribano público: mediador de la cultura escrita para la clase popular. *In*: GOMEZ CASTILLO, Antonio (Org.). **La conquista del alfabeto:** escritura y clases populares. España: Trea, 2002. p. 287-302.

MAEYER, Marc de. A educação na prisão não é mera atividade. **Educação e Realidade.** Porto Alegre, v.38, n.1, p.5-8, p.33-50, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/30702>. Acesso em: 2 maio 2019.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif. **Impressos e História da Educação:** usos e destinos. Rio de Janeiro: 7letras, 2008.

MARQUES, Glaucia Diniz. **Cartas em tempos de guerra:** uma missão cívico-patriótica da associação brasileira de educação (1942-1945). 2008. 100f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Baú de Memórias. Bastidores de histórias:** o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Artesãos da palavra: cartas a um prisioneiro político tecem redes de ideias e afetos. *In*: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Orgs.). **Destinos das letras:** história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Ed. UFP, 2002. p. 115-136.

MIOTTO, Armida Bergamini. **Temas Penitenciários.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1992.

MORAES, Eliane Robert. A cifra e o corpo: as cartas de prisão do marquês de Sade. *In*: GALVÃO, Walnice Nogueira.; GOTLIB, Nádia Batella. **Prezado senhor, prezada senhora:** estudo sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 55-60.

NAVARRO BONILLA, Diego. Archivos y Cultura Escrita Carcelaria: escribir y documentar la prisión desde el siglo XVI. *In*: SIERRA BLAS, Veronica; GÓMEZ CASTILLO, Antonio (Org.). **Letras bajo sospecha:** escritura y lectura en centros de internamento. Alcalá: Ediciones Trea, 2005. p. 17-42.

PECH, Thierry. Neutralizar a pena. *In*: GARAPON, Antoine; GROS, Frédéric; PECH, Thierry. **Punir em democracia e a justiça será.** Rio de Janeiro: Instituto Piaget, 2001. p. 139-144.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROCHA, Bárbara Trindade. **Cartas em revista: estratégias editoriais de difusão e legitimação da Nova Escola.** 2004. 172f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2004.

RUBACALBA PÉREZ, Carmen. Escribo aquello que no sabía decirle a nadie: La escritura em reclusión. *In*: SIERRA BLAS, Verônica; GÓMEZ, Castillo (Orgs.). **Letras bajo sospecha:** escritura y lectura em centros de internamento. Alcalá: Ediciones Trea, 2005. p. 217-235.

SIERRA BLAS, Veronica. **Cartas presas:** la corresponsabilidad carcelaria en la guerra civil y el franquismo. Madrid: Marcial Pons, 2016.

THOMPSON, Augusto. **A Questão Penitenciária.** Rio de Janeiro: Forense, 2002.

Biblioteca Nacional, RJ. **A ESTRÊLA: Órgão Penitenciária Central do Distrito Federal.** Rio de Janeiro. Edições de 1951 a 1955.

Recebido em: 12/05/2020

Revisado em: 26/08/2020

Aprovado em: 03/09/2020

Daiane de Oliveira Tavares é doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e realizou doutorado sanduíche na Universidade de Alcalá, Espanha. Atuou como professora substituta na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), na Uerj e como consultora do Ministério da Educação (MEC). *E-mail:* doliveiratavares@yahoo.com.br